

**OS RATOS DA
INQUISIÇÃO:
POEMA INÉDITO DO
JUDEU PORTUGUEZ**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649221325

Os ratos da Inquisição: poema inédito do judeu portuguez by António Serrão de Crasto & Camilo Castelo Branco

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

www.triestepublishing.com

ANTÓNIO SERRÃO DE CRASTO & CAMILO CASTELO BRANCO

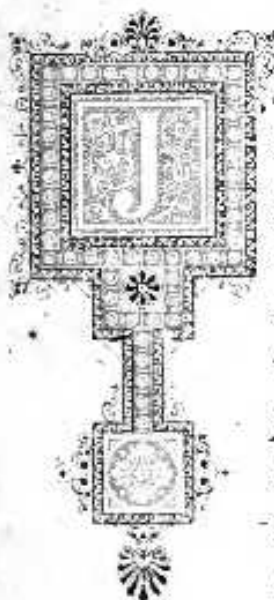
**OS RATOS DA
INQUISIÇÃO:
POEMA INÉDITO DO
JUDEU PORTUGUEZ**



C. Castello Branco



PREFACIO BIOGRAPHICO



JOSE Maria da Costa e Silva, um critico destemperado que ainda tem apologistas de boa fé, e se vende caro nos dez tomos do *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*, quando chêga á segunda metade do seculo xvii, cuja litteratura deslustra com ignaras faecias, dispara contra o poeta Antonio

Serrão de Crasto as suas banaes surriadas de remoques; mas explora-lhe vinte e uma paginas para avolumar o tomo VIII.

A critica de Costa e Silva ainda hoje em dia tem discipulos aborigenes que conservam aberta a escola no dorso rijo do eterno caranguejo que nos traz inguiçados. São uns que desterroam a poesia nacional como quem palcontologicamente escava terrenos, de camada em camada, e usam ainda do ferro e do ouro e do chumbo para abalisarem a idade do pensamento. Asseverando que Gil Vicente e Antonio Prestes foram a rude idade-meçdia, Camoens a renascença classica, Jeronimo Vahia a decadencia impulsionada pelo culteranismo dos jesuitas—como se Gongora vestisse a roupeta de Ignacio de Loyola; e finalmente, assentando que os arcades representam a regeneração, agrupam á volta destas bandeiras certos no-

mes consagrados nas *Selectas*, e cuidam ter extremado quatro Ideaes distinctos quando não fizeram mais que desmembrar em quatro formulas plasticas o que era uma só esthesia sob feiçoens differentes, desfiguradas por influencias exteriores. A Arte observa uma lei imprescriptivel: é a que lhe urge pôr em perfeita harmonia a forma, grave ou folgazã, com a idéa austera ou burlesca, predominantes em cyclos diversos. Gil Vicente individualisa a sua epoca — as crenças absurdas, a heresia revolucionaria, frades hypocritas, a gentalha fanatica e depravada, a anomalia de muita corrupção e muito temor de Deus e do diabo; — *Maria Parda*, a lendaria bebedã; as tres *Barcas*, que parecem a zombaria da escola dantesca estragada em Espanha; a *Rubena* que geme no palco, em presença da corte, as suas dores-de-parto. Luiz de Camoens, prope-

lido por dislates amorosos e leveza de juizo ás aventuras da India, faz os *Lusíadas*, quando o nosso imperio levantino começa a desabar. D. Thomaz de Noronha, o frade Vahia e o judeu Serrão, atascados no enxurdeiro da corte de Afonso vi e Pedro ii, vibram gargalhadas sonoras para chamarem a curiosidade de um povo que não tem espectáculo serio que lhe offereça incentivo a lastimas. A Arcadia é o grupo de alguns sombrios espiritos que se apartam da bachanal do Thomaz Pinto e do Camoens do Rocio — poetas cesareos de D. João v — e deliciam-se nas sensualidades langorosas, delicadas da Sapho apocrypha, inspiradoras da *Cantata de Dido*, e nas gravidas philosophias horacianas que dão á luz Filintho Elysio, Garção, Diniz e os seus camaradas dessidentes das estridulas bagatellas bocagianas. Mas toda essa torrente de

ideaes, ora torvos, ora limpidos, era virtualmente um genio unico, logico, omnimodo — coisa de per si tão levantada que é uma quasi mesquinhaia deter-se a critica a esgaravatar, com o croque da rancida rhetorica, se Gil Vicente era mais lidimo vocabulista que Sá de Miranda, e se os themas jocosos da *Academia dos Singulares* poderiam ouvir-se hoje na Academia real das sciencias sem uma grande algazarra de tacoens e apitos.

Antonio Serrão de Crasto foi um dos primeiros engenhos do seu cyclo. Não havia poeta serio, e elle foi um dos que mais fez rir, com inveja do proprio capitão Antonio da Fonseca Soares que, antes de ser homicida e crismar-se seraphicamente em fr. *Antonio das Chagas*, abusou de todas as libertinagens poeticas para não desatremar da pleyade dos seus mais graduados contemporaneos.

Costa e Silva nada sabia da vida do judeu Antonio Serrão, e justifica a sua desmazelada negligencia, encostando-se ao cauto silencio da *Bibliotheca Lusitanã* e á ignorancia de Nicoláo Antonio. «Ignora-se quem foram seus pais, diz o crítico, quaes foram os seus estudos, que profissão exerceu, quaes foram os seus meios de viver, que decerto não foram muitos, pois em algumas das suas poesias elle proprio nos informou de que era pobre. Ignora-se finalmente a sua morte; consta, porém, que ainda vivia em 1683.» (1) Innocencio Francisco da Silva, attido á insciencia dos trez, declara que o abbade

(1) *Ob. cit.*, tom. 8, p. 173.